



Ilustração da italiana Margherita Leoni (em foto abaixo), que vive em Americana

varo Paulo Sêga (1917—1991), que auxiliava os trabalhos dos professores com ilustração botânica. Na atualidade, a piracicabana Zelinda Milian é destaque na arte de reproduzir a flora. Artista plástica, conheceu a ilustração botânica por meio de oficinas da ilustradora italiana Margherita Leoni (leia nesta página). A piracicabana criou trabalhos para a Unesp (Universidade Estadual Paulista), que disseminaram a flora brasileira por meio de catálogos, cartões, guias e calendários ilustrativos.

**ARTE OU CIÊNCIA?**

“Os dois!”, enfatiza Capelari. “Se não tiver a parte artística, não se cria o desenho. Se não tiver a ciência, a ilustração é defasada”, explica. Medidas, dimensões, textura, tudo deve ser retratado de forma fiel ao natural. Sem isso, a ilustração não se torna científica. “Não é uma fotografia! É uma forma de olhar do artista, mantendo a estrutura da flor, das árvores, as plantas como ser único na natureza”, explica Zelinda. Para ela, não basta apenas reproduzir ou usar as técnicas, é preciso ter algo mais. “A técnica todo mundo aprende, mas se o trabalho não tiver alma, não adianta.”

A forma de trabalho é demorada. O ilustrador precisa de alguns dias para começar a construir sua obra. “Quando se faz uma pintura botânica, entre o tempo de colher, pintar e escolher a planta, isso leva um certo tempo para o artista. Ninguém imagina o trabalho que dá. Mas é difícil encontrar uma pessoa que não aprecie essa pintura, por ser um trabalho muito limpo”, acredita Zelinda.

A profissão de ilustrador botânico não aparece muito como crédito nos trabalhos científicos. “Os ilustradores não aparecem tanto na história. O trabalho aparece, mas o nome dos ilustradores não fica em destaque”, lamenta Capelari. No Brasil, a arte sofreu uma grande desdém e início dos anos 90.

**O BOOM NO BRASIL**

A influência de uma artista plástica inglesa foi essencial para o início da fomentação da ilustração botânica em território nacional. Margaret Mee estudou arte em Londres e mudou-se para o Brasil em 1952 para lecionar na Escola Britânica de São Paulo. Iniciou suas pesquisas na floresta Ama-



Desenho de Margaret Mee



Professor Lindolph Capelari Jr.

ca nos anos 60. Criou mais de 400 pranchas de ilustrações botânicas em guache e aquarela, além de diários detalhados produzidos entre 1956 e 1988, ano em que morreu.

Após sua morte e a partir da criação da Margaret Mee Amazon Trust e Fundação Botânica Margaret Mee, organizações para educação, pesquisa e conservação da flora amazônica, bolsas de estudo para ilustradores botânicos brasileiros foram criadas. “O Brasil teve esse boom na área a partir dessa época”, explica Capelari. A difusão acontece por meio dos critérios exigidos pelas instituições de passar o conhecimento adiante. “Hoje, a maioria dos ilustradores têm influência direta de Mee”, afirma o professor.

**SERVIÇO** — 4ª Oficina de Ilustração Botânica. Realização: Gewa (Grupo de Estudos Walter Accorsi). De 4 a 8 de julho, 8h às 12h e 13h30 às 17h30, na Fealq (avenida Centenário, 1080). Inscrições e outras informações: [www.fealq.org.br](http://www.fealq.org.br). Telefone: 3417-6600.

**ILUSTRAÇÃO COMO PROTESTO**

Olhos vidrados, ora para a planta, ora para o papel. Em milésimos de segundo, o movimento ocular registra com cuidado cada mínimo detalhe. Com a destreza de um gavião, a ilustradora italiana Margherita Leoni, nascida em Bergamo e radicada na vizinha Americana, revela com seu lápis a beleza da flor rainha do cerrado. Assim que finaliza sua obra, queima sem piedade o desenho colorido e perfeitamente caprichado.

A cena foi capturada para o documentário de curta-metragem Parque das Emas, gravado na reserva localizada no sudoeste de Goiás e dirigido por Ricardo Martensen e disponível no endereço [youtube.com/watch?v=FLFR303HKV4](http://youtube.com/watch?v=FLFR303HKV4).

O vídeo, que acaba de ser finalizado pela Unesp de Bauru e Trilha Multimídia, com financiamento da Fapesp-Biota, mostra o local 50 dias após um incêndio arrasar com 90% de sua flora, em 2010. As chamas partiram de três focos distintos localizados em fazendas vizinhas à reserva, considerada patrimônio Natural da Humanidade pelas Nações Unidas. “Assim como nós queimamos as florestas, essa flor era um símbolo que também queime! A beleza, a vida, a biodiversidade é queimada e não fica mais nada. É um patrimônio que não está sendo preservado”, afirma Margherita, explicando o ato.

O carvão que restou das plantas queimadas se transformou em matéria-prima para novos quadros da italiana, que unem cores intensas ao negro da floresta morta. “A base é um olhar analítico como na ilustração botânica, mas tem a transformação com o branco e preto. No primeiro momento compartilho meu olhar com a planta, observo todos os detalhes. Um segundo momento, com emoção e crítica, aplico o carvão, mostrando a intervenção das queimadas na beleza das flores.”

Em setembro, suas obras estarão na Bienal de Arte Contemporânea de Bréscia, na Itália. No ano que vem, vão para Berlim, na galeria de arte Cell63 Art Gallery. No Brasil, a artista ainda procura um espaço para expor.

Registrando a fauna brasileira desde 1997, ano em que se mudou da Itália para viver em um dos territórios mais ricos em biodiversidade do mundo, Margherita conheceu as florestas da Amazônia, o cerrado e se apaixonou pelas orquídeas. Vive em Americana, mas continua suas viagens Brasil a fora, desenvolvendo projetos artísticos e científicos. “A exuberância da floresta brasileira me despertou a vontade de registrá-la, me deu esse impulso e vontade de valorizar e mostrar a beleza da natureza”, afirma, convicta. Artista plástica, tornou-se ilustradora botânica por influência de Margaret Mee. A área lhe rendeu exposições, calendários e livros.

Jacarandá retratado por Zelinda Milian

**A arte que completa a ciência**



Rubens Vitti Jr. [rubens@pjournal.com.br](mailto:rubens@pjournal.com.br)

O conhecimento profundo sobre a flora do mundo teve início por meio de papel e lápis em punho. Naturalistas viajantes conseguiram registrar em suas pranchetas o que viam nos continentes mais longínquos por meio de seu olhar aguçado e seu talento. Os rascunhos se transformavam em perfeitas obras de arte em nome da ciência. A fidelidade impressionante da ilustração botânica descreve folhas, flores, caules, raízes e outros minuciosos detalhes. Mesmo popularmente desconhecida, essa arte desperta a curiosidade de muitas pessoas e será tema de uma oficina que começa amanhã e segue até 8 de julho na Fealq.

A ilustração sempre teve grande importância na biologia em geral. A descrição de novas espécies são acompanhadas pelas ilustrações desde que a botânica foi reconhecida como ciência. Apesar de a fotografia e de as tecnologias em artes gráficas evoluírem, a ilustração botânica não deve se estinguir



Trabalho de Margherita Leoni, que leva carvão retirado do Parque das Emas: protesto

tão cedo. “A fotografia só registra a planta viva e não dá ênfase ao que é preciso apresentar. Muitas plantas de herbários, dissecadas, podem ainda ser descritas com a ilustração a partir de processos de hidratação”, explica o professor Lindolph Capelari Jr., do Departamento de Ciências Biológicas da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP) e orientador do Grupo de Estudos Walter Accorsi (Gewa).

Mesmo não ser considerado um ilustrador botânico, o professor é um exímio fomentador e defensor da profissão. “O levantamento da flora brasileira é muito diversificado e a busca de novas descobertas é constante. Para isso, o trabalho do ilustrador é importantíssimo”, destaca.

Na história da profissão em Piracicaba, Capelari lembra do trabalho do desenhista, ilustrador e artista plástico piracicabano Al-

